

“O homem volta ao sentido religioso”

por **Julián Carrón***

«Um mundo em tão rápida transformação pede aos cristãos que estejam disponíveis a procurar formas ou modos para comunicar a novidade perene do Cristianismo». Estas palavras do Papa Francisco descrevem a atitude do então Arcebispo Montini, assim que chegou à Diocese de Milão: uma profunda atenção à situação do homem, consciente de que «o homem moderno está a perder o sentido religioso» e que «é preciso uma reabilitação racional do sentido religioso» (1957) para que a fé seja uma resposta pertinente às exigências da vida. Nos mesmos anos, Dom Giussani tinha apercebido nos jovens liceais este afastamento de uma religiosidade autêntica e escreve por isso, na esteira de Montini, *O Sentido Religioso* (1957), para mostrar a razoabilidade da fé diante dos desafios da cultura laicista da época.

Na sua primeira encíclica, a *Ecclesiam Suam* (1964), Paulo VI descreverá como realizar esta tarefa: «Se a Igreja aprofundar cada vez mais a consciência de si mesma», pode «ouvir a voz, ou melhor, o coração do homem; compreendê-lo e, tanto quanto possível, respeitá-lo e segui-lo quando ele o merecer. (...) O nosso diálogo não pode ser uma fraqueza, no que respeita ao empenhamento com a nossa fé».. Provocado por estas palavras, Dom Giussani escreverá poucos meses depois que «o diálogo implica uma abertura ao outro, mas implica também uma maturidade minha, uma consciência crítica daquilo que sou».

Dom Giussani partilhava com Paulo VI a percepção do desafio que representava para a Igreja a situação do homem contemporâneo, num «mundo em profunda transformação, no qual um tão grande número de certezas são contestadas ou postas em discussão», e portanto, do ponto de onde repartir. Durante aquela que Bento XVI define como uma «cisão histórica», o sessenta e oito, a resposta foi comum. Dom Giussani gostava de repetir uma frase do Papa que, diante deste desmoronar, respondia com a humilde certeza de uma Presença que é fonte de humanidade verdadeira e de esperança. «Onde está o “Povo de Deus”, do qual tanto se falou, e ainda agora se fala, onde está esta “entidade étnica *sui generis*”? Como está unido? Como se caracteriza? Como está organizado? Como exerce a sua missão ideal e tonificadora na sociedade em que está mergulhado? Sabemos bem que agora, historicamente, o povo de Deus tem um nome familiar para todos: é a Igreja» (1975).

E na *Evangelii Nuntiandi* (1975) confirma o método da missão como o único adequado para responder às perguntas do homem: «A Boa Nova há-de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho» dos cristãos, que «fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver perguntas indeclináveis: por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira?». É espantosa a sintonia com o Papa Francisco: «A Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração».

Dom Giussani recordou sempre com gratidão a lealdade humana e a condução iluminada, primeiro do Arcebispo Montini e depois de Paulo VI, diante do bem que via acontecer na Igreja, por exemplo, ao permitir o início da sua experiência educativa entre os jovens de Milão e depois ao acompanhar o desenvolvimento do movimento, até às palavras que Paulo VI lhe disse na Praça de São Pedro, a 23 de Março de 1975: «Coragem, este é o caminho», convidando-o a prosseguir, como já o tinha feito em meados dos anos cinquenta.

Por tudo isto, como não sentir toda a gratidão pela nossa Mãe Igreja, que reconhece a grandeza do testemunho que Paulo VI dá de Cristo, o Único que leva a sério toda a nossa humanidade?

**presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*